

ODE AO HOMEM: SÓFOCLES – Antígona, Primeiro Estásimo (332-375)

O segundo canto coral da tragédia *Antígona*, de Sófocles, que se diz “primeiro estásimo” na terminologia de Aristóteles (*Poética*, 1452b17), é comumente citado como “Ode ao Homem”, por seu notável sentido filosófico e por seu valor documental da história das ideias antropológicas da Grécia no século V a.C. No primeiro canto coral, dito “párodos” por Aristóteles (*id. ib.*), o coro celebra a vitória de sua cidade natal Tebas sobre as tropas invasoras argivas, lideradas por Polinices, que disputava o trono com seu irmão Etéocles, sendo ambos filhos do antigo rei Édipo. No primeiro episódio, o coro testemunha a proclamação, pelo novo rei Creonte, do edito que proibia honras funerárias e sepultura a um dos irmãos, Polinices, concedendo-as somente ao outro irmão, Etéocles, o rei anterior, morto em defesa da cidade; em seguida, o coro presencia o relato do mensageiro, que denuncia ao rei Creonte a misteriosa transgressão do edito, por leve camada de poeira com que se recobriu o cadáver durante a noite de modo a cumprir-se o rito funerário interdito. Quem teria ousado transgredir o edito do rei e assim afrontar a prevista pena de morte? A essa questão, que deveria se tornar uma investigação policial, o coro responde com esta reflexão sobre o sentido do ser humano, a qual constitui o primeiro estásimo.

Martin Heidegger, em sua *Introdução à Metafísica*, dedica não poucas páginas à análise e interpretação desta “Ode ao Homem”. Entretanto, dado que “a linguagem é a morada do ser”, ao transpor as referências da poesia trágica sofociana para os termos conceituais de sua própria filosofia, o filósofo não deixa ao

* Professor de Língua e Literatura Grega na Universidade de São Paulo. E-mail: jtorrano@usp.br

leitor, além das palavras citadas em grego, senão o horizonte conceitual de seu próprio pensamento. Esse horizonte pode ser tudo de que o leitor do filósofo precise, mas a leitura mesma da tradução a seguir poderá nos mostrar tanto a concretidade sensorial quanto a amplidão inteligível da ode sofocliana.

Esta ode se compõe de dois pares de estrofe e antístrofe. Os dois primeiros versos – *pollà tà deinà k'oudèn an- / thrópou deinóteron pélei* – contêm uma ambiguidade que repercute em todo o estásimo e envolve a concepção trágica de ser humano: a palavra *tà deinà* significa tanto algo prodigioso e admirável quanto algo terrível e intratável. As traduções estão fadadas a escolher entre um ou outro sentido. A semelhança com o início do primeiro estásimo de *Coéforas* de Ésquilo – *pollà mèn gā trépheí / deinà deigmáton ákhe* (“Terra nutre muitas / terríveis dores de terrores”) – me levou a optar por traduzir “muitos os terrores e nenhum / mais terrível que o homem”.

A primeira estrofe descreve a conquista humana do meio-ambiente natural mediante a navegação e a agricultura, mas assinala a transgressão de um limite no trato com a infatigável Deusa Terra. A primeira antístrofe descreve o domínio humano dos animais: caça, pesca, subjugação de equinos e touros. A segunda estrofe elenca a viabilidade múltipla do ser humano por diversas artes da linguagem, da inteligência, do urbanismo, da habitação e da medicina e o impasse incontornável da morte. A segunda antístrofe considera a duplicidade moral do ser humano e formula a prece pelo convívio com o seu lado melhor.

Os eruditos se colocaram a questão da relação desta ode com o seu contexto dramático, e deram respostas as mais diversas. Penso que se essa relação não se fizesse evidente por si mesma, essa questão seria insolúvel. Espero que este breve resumo tenha mostrado não só qual é, mas também quão evidente é essa relação.

332

{XO.} Πολλὰ τὰ δεινὰ κούδὲν ἀν-

θρώπου δεινότερον πέλει·

τοῦτο καὶ πολιοῦ πέραν

335

πόντου χειμερίῳ νότῳ

χωρεῖ, περιβρυχίοισιν

περῶν ὑπ' οἴδμασιν, θεῶν

τε τὰν ὑπερτάταν, Γᾶν

ἄφθιτον, ἀκαμάταν, ἀποτρύεται,

340
 ἰλλομένων ἀρότρων ἔτος εἰς ἔτος,
 ἵππειῶ γένει πολεύων.
 341

Κουφονόων τε φῦλον ὄρ- {Ant. 1.}
 νίθων ἀμφιβαλῶν ἄγει,
 καὶ θηρῶν ἀγρίων ἔθνη
 345
 πόντου τ' εἰναλίαν φύσιν
 σπεύρασι δικτυοκλώστοις

348
 περιφραδῆς ἀνήρ· κρατεῖ
 δὲ μηχαναῖς ἀγραύλου
 350
 θηρὸς ὀρεσσιβάτα, λασιαύχενά θ'
 ἵππον <ύπ>άξεται ἀμφίλοφον ζυγὸν
 οὔρειόν τ' ἀκμηῆτα ταῦρον.

352
 Καὶ φθέγμα καὶ ἀνεμόεν {Str. 2.}
 φρόνημα καὶ ἀστυνόμους
 355
 ὀργὰς ἐδιδάξατο, καὶ δυσάυλων
 πάγων <έν>αίθρεια καὶ
 δύσομβρα φεύγειν βέλη
 360
 παντοπόρος· ἄπορος ἐπ' οὐδὲν ἔρχεται
 τὸ μέλλον· Ἄιδα μόνον
 φεῦξιν οὐκ ἐπάξεται, νό-
 σων δ' ἀμηχάνων φυγὰς
 363
 ζυμπέφρασται.
 363

Σοφόν τι τὸ μηχανόεν {Ant. 2.}
 365
 τέχνας ὑπὲρ ἐλπίδ' ἔχων,

τοτὲ μὲν κακόν, ἄλλοτ' ἐπ' ἐσθλὸν ἔρπει,
νόμους παρείρων χθονὸς
θεῶν τ' ἔνορκον δίκαν
370

ὑψίπολις· ἄπολις ὄτῳ τὸ μὴ καλὸν
ζύνεστι τόλμας χάριν·
μήτ' ἐμοὶ παρέστιος γέ-
νοιτο μήτ' ἴσον φρονῶν
375
ὄς τάδ' ἔρδοι.

{CORO}Muitos os terrores e nenhum {EST. 1}
mais terrível do que o homem.
Ele além do mar grisalho
vai ao vento tempestuoso
335
através dos vagalhões
fragorosos e extenua
a suprema dos Deuses
Terra imortal infatigável
volvendo ano após ano
340
o arado com o equino.

Ele circunda e captura {ANT. 1}
o bando de aves leves,
a grei de feras agrestes
e a salina fauna marinha
345
nas dobras urdidadas da rede,
prudente varão: domina
com perícia a selvagem
fera montesa, mantém
350
crinudo equino sob jugo
e indômito touro montês.

Aprendeu a palavra, {EST. 2}
 a inteligência volátil,
 355
 as urbanas maneiras,
 a fuga da geada inóspita
 do céu e das intempéries,
 multívio, ínvio a nenhum
 360
 porvir. Somente de Hades
 não saberá fugir,
 dos males impossíveis
 descobriu a fuga.

Por hábil perícia de arte {ANT. 2}
 além da expectativa
 365
 vai ora mal, ora bem;
 venerando leis da terra
 e jurada justiça dos Deuses,
 alto na urbe; sem urbe
 370
 se por audácia não bem.
 Não seja meu conviva
 nem pense igual a mim
 375
 quem age assim!

Tradução de Jaa Torrano

segundo estabelecimento de texto de H. Lloyd-Jones e N. G. Wilson (OCT)